

## Das biografias urbanas à cultura das cidades: Richard Morse e a formação da metrópole paulista

**Ana Claudia Veiga de Castro**

Arquiteta e Urbanista, doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, docente no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU/USP, Rua do Lago, 876, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, SP, CEP 03178-200, +55 (11) 3091-4795, anacvcastro@usp.br

### Resumo

O artigo trata das referências do campo da história urbana do livro De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo (1954), mais conhecido como Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole (1970). Essa obra de Richard Morse constitui um olhar para a história e cultura urbanas paulistas, estabelecendo relações com as biografias urbanas publicadas nos Estados Unidos e com as reflexões de Lewis Mumford sistematizadas em The culture of the cities (1938). Busca-se compreender a obra no cruzamento de olhares e perspectivas entre São Paulo e Nova York, como uma história cultural urbana fundamental para a metrópole paulista.

*Palavras-chave:* história urbana, história cultural, Richard Morse, Lewis Mumford.

O primeiro contato de Richard Morse (1922-2001) – autor do livro De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo – com o objeto de seu livro, a cidade de São Paulo, é anterior a sua pesquisa de campo e nada planejado<sup>1</sup>. Ainda durante a graduação na Universidade de Princeton (1941-1944), aproveitando uma das paradas do navio que o levava a um tour em uma viagem de férias pela América Latina, o estudante de história passaria algumas horas pela cidade que começava a ficar famosa pela intensidade e rapidez de seu crescimento:

*Em Santos deixei o navio e fui conhecer São Paulo... A cidade logo me espantou porque era muito moderna, achei-a demasiadamente grande, interessante, mas não gostei muito: tinha tráfego demais, gente apressada correndo nas ruas...* (MORSE, 1990, p.147)

Essa primeira impressão seria invocada posteriormente como a centelha que lhe atçou a curiosidade

para o fenômeno da urbanização paulistana. Baseando-se “um pouco na intuição, outro tanto nas poucas leituras disponíveis na região de Nova York e na lembrança que tinha das horas passadas em São Paulo em 1941”, o historiador diria posteriormente que o que o motivou a estudá-la foi justamente a vontade de compreender a originalidade de seu processo urbano, uma cidade que “brotou do sol”, mas que “era também muito velha”. Dupla perspectiva que o intrigava, levando-o a buscar “explicar se [São Paulo] era uma ‘Chicago da América do Sul’ ou um outro gênero urbano desconhecido” (MORSE, 1990, p.150). Assim, perguntava em outra oportunidade:

*Aquela coisa de São Paulo havia ficado na minha mente: por que surgira aquela cidade enorme que todo o mundo dizia ser a Chicago da América do Sul, e que forças econômicas teriam eliminado de sua paisagem quase todos os sinais de uma tradição arquitetônica anterior?* (MORSE, 1989)

<sup>1</sup> Para pesquisar material para sua tese de doutorado, “São Paulo under the Empire (1822-1889)”, New York: Columbia University, 1952 (Rare Books & Manuscripts Library, Columbia University), Richard Morse ficaria pouco mais de um ano no Brasil, de setembro de 1947 a dezembro de 1948, a maior parte do tempo em São Paulo. A tese foi a base para o livro De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo publicado em 1954, e que, na segunda edição em 1970, ganha o título: Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole, tornando-se um clássico da história da cidade. A respeito da fortuna crítica do livro e a discussão do estatuto de “livro clássico”, cf. CASTRO, 2013b.

<sup>2</sup> Texto apócrifo republicado em *As Others See Chicago: Impressions of Visitors, 1673-1933*, volume organizado por Bessie Pierce, que revela como Chicago era vista como fenômeno urbano já contemporaneamente ao seu crescimento.

<sup>3</sup> Tratava-se da crônica “As serenatas”, publicada no *Correio Paulistano* em 09/12/1919, p.4, assinada por Helios, pseudônimo do escritor modernista Menotti del Picchia. Essa é uma entre várias crônicas publicadas naqueles anos com tal temática.

<sup>4</sup> Trata-se do mestrado “São Paulo, The Early Years”, by Richard M. Morse. Submitted in partial Fulfillment of the Requirement for the Degree of Master of Arts in the Faculty of Political Science, Columbia University, June, 1947, Rare Books & Manuscripts Library, Columbia University. Essa espécie de aproximação à história paulista permite ao autor tomar contato com uma historiografia clássica sobre São Paulo, recuperando autores que construíram uma imagem de São Paulo condutora dos destinos da nação desde o período colonial.

<sup>5</sup> É conhecido o desenvolvimento da sociologia urbana na chamada Escola de Chicago, surgida na Universidade de Chicago, fez daquela cidade seu primeiro laboratório. (Cf., entre outros, BULMER, 1984; EUFRÁSIO, 1998).

<sup>6</sup> Cf. HANDLIN e BURCHARD, 1963 e STAVE, 1977, entre outros.

<sup>7</sup> A fronteira, para Turner, definia-se como a zona ainda não colonizada pelo europeu, fronteira imaginária que marcou o caminho dos pioneiros em direção ao Oeste norte-americano, trazendo a idéia do limite extremo entre a terra colonizada e a terra não explorada. Cf. Frederick J. Turner, “The significance of the frontier in American History” (1893), artigo apresentado num encontro da American Historical Association na World’s Columbian Exposition em Chicago, posteriormente incorporado no livro *The Frontier in American History* (1920). Segundo Bruce Stave, para Turner e ...continua próxima página...

Richard Morse compara São Paulo a Chicago, a “metrópole instantânea”, pois em seu surto de urbanização também a capital paulista se industrializara e crescera de maneira impressionante, tornando-se um dos fenômenos urbanos do mundo moderno. Em meados do século 19, o crescimento desenfreado de Chicago havia impactado sobremaneira os contemporâneos:

*Em 1850, [Chicago] tinha uma população de 26 mil habitantes. Em 1856, quando afirma ser o primeiro mercado de grãos no mundo, o primeiro mercado de madeiras no mundo, a terceira maior cidade em rendas com serviços postais no país, a melhor comunicação ferroviária no país – que é a melhor do mundo –, sua população é de mais de 90 mil habitantes e seu lema é “ainda AVANTE, e seu destino está entre as estrelas”.* (apud PIERCE, 1933)<sup>2</sup>

Mas a comparação de São Paulo com as cidades norte-americanas não era propriamente uma novidade. Já em 1890, no auge da imigração estrangeira (principalmente italiana) para a capital paulista, um viajante dizia que “São Paulo [era] a expressão do espírito *yankee* amenizado e perfumado pela graça do gosto italiano” (RAFFARD [1890], 1977, p. 81). Na década de 1920, na pena dos escritores modernistas, a comparação se tornaria corrente, e Nova York ou Chicago seriam invocadas constantemente como espelho para o crescimento da capital paulista. São Paulo se americanizava com seus arranha-céus e reformas urbanísticas, as casas brotavam “feito cogumelos após a chuva”, e se deixava definitivamente para trás “a cidade das rótulas e das estudantadas”, para se transformar numa cidade “prática, elétrica, *yankeezada*” (HELIOS [1919] apud CASTRO, 2005, p. 114)<sup>3</sup>.

No meio do século 20, entretanto, tal percepção demandava explicações. Entender como e porque São Paulo se tornava uma das principais cidades da América Latina, com um crescimento tão impactante como o que se dera em Chicago um século antes, inscrevendo a sua evolução urbana num amplo recorte temporal, era o mesmo que alguns historiadores norte-americanos vinham se propondo a fazer desde os anos 1930 não apenas com aquela metrópole industrial, mas com diversas cidades dos Estados Unidos. Na década seguinte uma série de “biografias de cidade” já havia aparecido à público, buscando justamente dar conta de descrever aquelas

cidades em suas especificidades mas também o seu papel de condutoras do desenvolvimento nacional. Compreender melhor a formação do campo da história urbana na academia norte-americana permite não apenas inserir os interesses de Richard Morse dentro desta perspectiva, mas nos leva a vislumbrar com mais clareza os caminhos que o autor percorre para elaborar a sua história urbana de São Paulo. Com o fim da Guerra, Richard Morse, que havia servido no Pacífico, retorna a Nova York e, após concluir um mestrado sobre o primeiro século paulista na Universidade de Columbia<sup>4</sup>, decide continuar sua pesquisa estudando a história da evolução urbana de São Paulo até o século 20. Mas quais eram suas referências para propor tal tema de investigação?

## As biografias de cidade e uma nova história urbana

Se as cidades norte-americanas já vinham sendo esquadrihadas detidamente no campo da sociologia desde o fim do século 19<sup>5</sup>, o primeiro trabalho considerado fundador dos “estudos de história urbana” naquele país é o livro *The Rise of the City 1878-1898*, de Arthur Schlesinger, publicado em 1933<sup>6</sup>. Partindo do seminal estudo de Frederick Jackson Turner, que via na conquista do oeste o elemento fundamental da formação da nação<sup>7</sup>, o historiador buscava reescrever a história da América a partir do ponto de vista urbano. Desse modo, apoiava-se na tese que defendia que o país não se explicava pela ocupação da costa leste, e sim pelo avanço da fronteira oeste, mas buscava compreender o papel, até então totalmente menosprezado, da fundação das cidades nesse movimento (SCHLESINGER, 1933). Em um artigo que condensava sua perspectiva sobre o tema do ponto de vista historiográfico, Schlesinger citava uma carta recebida do próprio Turner, na qual este último dizia já ser necessário àquela altura – 1925 – “uma reinterpretação da história urbana dos Estados Unidos” (TURNER apud SCHLESINGER, 1940, p.43), para mostrar-se impelido a explorar um campo de estudos até então quase inexistente, buscando atender para a constante interação entre o campo e a cidade naquele alargamento das fronteiras que definira o país como nação. Com efeito, não se tratava de desenvolver uma interpretação da história da América que desprezasse a “tese da fronteira”<sup>8</sup>, mas de avaliar e defender o papel das cidades no mesmo processo. Para Schlesinger, as cidades sempre haviam sido uma “válvula de escape”, o “lugar

... continuação da nota 7 ...

seus seguidores, as cidades tiveram então um pequeno papel na formação da nação. Deste modo, “a ‘frontier thesis’ deu o tom para uma geração ou mais de historiadores americanos e seus estudantes”, que negligenciaram aquele campo de estudos (Cf. STAVE, 1977, p.17).

<sup>8</sup>Pouco mais que uma década depois, era ainda a partir dessa tese que a historiadora Constance M. Green iniciava seu curso sobre o crescimento das cidades nos EUA para os ingleses da Universidade de Londres: “O rápido crescimento das cidades é uma característica história norte-americana não menos significativa e dramático que a rápida marcha para o oeste” (GREEN, 1957, p.2).

<sup>9</sup>Penso no caso da Argentina (talvez o mais conhecido), que desde o Facundo (1845), de Sarmiento, cujo subtítulo é *Civilización y Barbárie*, contrapõe o gaucho bárbaro do interior, e portanto o próprio pampa, ao homem civilizado que só a cidade – entendida em sua genealogia europeia – podia formar. Mas podemos nos remeter às discussões do início do século 20 no Brasil, que Monteiro Lobato levará à frente em relação ao jeca tatu, notando sua mudança de perspectiva numa certa altura, por repensar o papel do interior enquanto portador de uma tradição original e não mais lugar do atraso, frente às cidades litorâneas, entendidas como o lugar da cultura postíca e não mais da modernidade. Mas aqui fugimos do nosso ponto.

<sup>10</sup>Entre eles, *A History of Chicago* (Bessie Pierce, 1937, 3 v.); *Pittsburgh: a History of a City* (Leland Baldwin, 1937); *New York, an American City* (Sidney Pomeranz, 1938); *Holyoke, Massachusetts: a Case History of The Industrial Revolution in America* (Constance Green, 1939); *The Biography of a River Town: Memphis, Its Heroic Age* (Gerald Carpers, 1939); *Baltimore, 1870-1900: Studies in Social History* (Charles Hirschfeld, 1941); *Rochester: the Growth of a City* (Blake McKelvey, 1945-61, 4 v.); *Three centuries of New Haven, 1638-1938* (Rollin Osterweiss, 1953).

da reforma social”, onde “as responsabilidades coletivas eram encorajadas” em contraste com o individualismo característico da *marcha para o oeste*. Por isso a importância da cidade como formadora do caráter americano – em seu papel civilizador, pode-se acrescentar. A cidade, não menos que a *fronteira* era, desse ponto de vista, uma força fundamental na formação do caráter da nação. Pois tanto no passado como ainda hoje, a cidade

*era um lugar onde os homens encontravam uma série de oportunidades para seus talentos, oportunidade para cultivar as artes e os negócios da vida. Porta de entrada de colonos e de bens vindos da Europa, a cidade também foi o maior porto de entrada para os ideais e os padrões europeus de gosto.* (SCHLESINGER, 1940, p.43)

Uma espécie de luta da civilização contra a barbárie, que já caracterizava, não custa lembrar, a compreensão do papel das cidades do lado de baixo do Equador desde meados do século 19<sup>9</sup>. Se na Europa, diria Schlesinger, o desenvolvimento urbano havia se dado de forma lenta e gradual, na América “pulavam[-se] etapas” e deste modo já se vivia ali em um novo momento, não mais de competição, mas de colaboração entre o mundo rural e o urbano, o que demandaria o surgimento de um novo campo de estudos (SCHLESINGER, 1940).

A partir daí surge nos anos seguintes uma série de estudos e biografias de cidade, buscando compreender a evolução urbana das cidades em todo o país, das metrópoles como Nova York ou Chicago à menos conhecida Holyoke, nascida no século 19 no bojo da revolução industrial. Segundo Bruce Stave, estes primeiros estudos seguiam as linhas traçadas por Schlesinger, enfatizando os acontecimentos nacionais dentro de uma estrutura urbana, o que gerou um grande número de trabalhos sobre cidades específicas, parte deles sobre cidades crescidas no último século, que eram a maioria das cidades americanas<sup>10</sup>, mas também sobre cidades coloniais (STAVE, 1977, p.18)<sup>11</sup>. Tais trabalhos buscavam compreender as cidades como “entidades orgânicas”<sup>12</sup>: se um biógrafo estudava o crescimento e o desenvolvimento de um ser humano desde o seu nascimento, também os biógrafos urbanos deveriam investigar o crescimento e o desenvolvimento de cidades específicas em suas trajetórias urbanas a partir de sua fundação. E permitiriam ainda entender

a própria história do país, flagrando a formação nacional através do que acontecera nas cidades. Dito de outro modo, buscava-se com eles compreender a formação do próprio ethos americano. Note-se aqui que essa é a forma que Morse quer entender São Paulo, a partir da formação de um ethos paulista formulado na cidade colonial seiscentista, que vai se transformando em alguns momentos decisivos da história. Mas vejamos brevemente de que maneira estes estudos se desenvolveram, de modo a termos mais elementos para a compreensão da tese de Morse sobre a capital paulista.

Uma das cidades estudadas nesses anos pela historiadora Constance Green, Holyoke (no estado de Massachusetts), permitia compreender, por exemplo, o desenvolvimento da economia industrial baseada nas fábricas de tecidos na Nova Inglaterra, e com isso, a própria industrialização norte-americana, e por consequência, o estabelecimento do espírito capitalista no Novo Mundo, o surgimento do *self-made man*, e outros tópicos da identidade norte-americana. Ao observar a evolução urbana de Chicago, em outra oportunidade, a mesma autora retomava a formação desse espírito industrial e ousado, que era visto em pequenos exemplos cotidianos, mas que mostravam como a cidade pudera sobreviver aos desafios colocados ao longo de sua história por conta de seus habitantes que – diferentemente dos de Holyoke – teriam sabido se “reinventar” a cada novo desafio<sup>13</sup>. A forma que Green descrevia a população de Chicago, sobretudo seus líderes, lembra de perto a descrição de Morse sobre a liderança paulista: o espírito empreendedor, a vontade de colocar a cidade como protagonista num cenário nacional, a sabedoria em lidar com as adversidades... Seria mesmo São Paulo a Chicago da América do Sul? Vejamos adiante como Morse responderá a isso.

Por ora, vale dizer que se é apenas nos anos 1930 que os norte-americanos começam a buscar entender a história do desenvolvimento urbano em seus variados aspectos, apenas duas décadas depois já há um artigo de revisão bibliográfica sobre os estudos históricos urbanos, ainda que apenas cinco historiadores ensinassem ou conduzissem seminários e cursos em universidades americanas no campo da história urbana<sup>14</sup>, demonstrando a maturidade do campo. Neste artigo, de autoria de Blake McKelvey, defende-se a especificidade dos estudos históricos em

<sup>11</sup>Schlesinger citaria os seguintes trabalhos como pioneiros no estudo das cidades coloniais: *Cities in the Wilderness, The First Century of Urban Life in America, 1625-1742* (Carl Bridenbaugh, 1938); *History of American City Government. The Colonial Period* (Ernest S. Griffith, 1938); *The New York Merchant on the Eve of the Revolution* (Virginia D. Harrington, 1935); *Intercolonial Aspects of American Culture on the Eve of the Revolution with Special Reference to the Northern Towns* (Michael Kraus, 1928); *Charleston Business on the Eve of the Revolution* (Leila Sellers, 1934). (Cf. SCHLESINGER, 1940, p. 44).

<sup>12</sup>Podíamos invocar duas referências, Patrick Geddes e Louis Wirth, para o termo. O primeiro, mestre de Lewis Mumford, e Wirth, como se sabe, um dos pais da Escola de Chicago. Mas vale lembrar também de Marcel Pöete, urbanista francês, que já havia esboçado uma visão evolucionista e organicista da cidade, tomando-a como um ser vivo a ser regulamentado pelo urbanismo.

<sup>13</sup>Cf. os capítulos sobre Holyoke e Chicago no volume sobre as cidades americanas de GREEN (1957).

<sup>14</sup>Seriam eles os já citados Arthur Schlesinger e Bessie L. Pierce, além de Allan Nevins, W. Stull Holt, e Bayard Still, mas o que mostra que o campo se configura naqueles anos.

<sup>15</sup>McKelvey afirma ainda que “o despertar do interesse acadêmico, o que logo ocorreu neste campo de estudos, é evidenciado pela publicação desde 1930 de ao menos 40 volumes que poderiam ser chamados de biografia urbana - todas as obras de caráter acadêmico que lidavam com mérito com determinadas cidades - além de outra dezena de bons livros de história urbana com um escopo mais amplo. Bons artigos sobre as cidades têm aparecido em várias revistas históricas, e ainda o professor Bayard, que está preparando uma extensa bibliografia sobre o assunto, listou pelo menos vinte e cinco títulos de teses de doutorado sobre temas urbanos em ...continua próxima página...

relação aos outros campos de estudo das cidades. Afirma-se ali que a principal tarefa do historiador ao estudar as cidades é a de traçar “as forças e as direções do movimento social humano”, para entender o papel da vida urbana no desenvolvimento de uma determinada sociedade, e não buscar definir “padrões inflexíveis”, como faziam os sociólogos já há muito mais tempo, como por exemplo em “Urbanism as a Way of Life” (1938), artigo de Louis Wirth, expoente da Escola de Chicago, que consolida a perspectiva da “ecologia urbana” (MCKELVEY, 1952)<sup>15</sup>. Como explica Bruce Stave, num balanço feito no final da década de 1970 por meio de uma série de entrevistas com historiadores urbanos norte-americanos de várias gerações, em paralelo com o desenvolvimento das “biografias urbanas” (que perduraria pelo menos por três décadas, de 1930 a 1950, de modo particularmente profícuo na seara dos historiadores), e com o desenvolvimento da sociologia urbana, passariam a ser considerados tópicos de estudos tanto na história como na sociologia as “rivalidades entre cidades”, os “transportes”, as “reformas municipais”, a “imigração urbana”, entre outros, o que deixa claro que diversas linhas de pesquisa dos estudos urbanos se desenvolveram concomitantemente.

Assim, na década seguinte, 1960, as “biografias de cidade” passariam a ser vistas como a “velha história urbana”, em contraposição ao surgimento de uma “nova história urbana”, cujo marco teria sido a publicação de *Nineteenth-Century Cities*, editado por Stephan Thernstrom e Richard Sennett, em 1969. O volume reuniu artigos de diversos profissionais presentes numa conferência ocorrida em 1968 na Universidade de Yale e levaria a consolidação de novos caminhos para os estudos históricos urbanos dali em diante (STAVE, 1977, p.18 e ss.)<sup>16</sup>.

Richard Morse, que não buscava definir padrões – como os sociólogos – nem discutir temas específicos – como os novos historiadores – mas justamente discutir a especificidade de uma urbanização em certa área das Américas, observando a sua história ao longo de quatro séculos, ao ser questionado numa entrevista feita muito tempo depois se havia partido das biografias urbanas que surgiram na década de 1930 para empreender sua pesquisa sobre São Paulo, dirá que não, ainda que não as desconhecesse. Ora, seu livro se vale da palavra “biografia”, tanto na edição brasileira de 1954, como na sua publicação

em inglês em 1958<sup>17</sup>, e também quer entender a cidade como um organismo, como Schlesinger sugerira. Mas se não foram as biografias urbanas sua principal inspiração, de onde Morse partia para estudar a cidade? O historiador aponta outra referência, reconhecendo uma filiação mais direta de outra faceta, digamos, dos estudos urbanos norte-americanos. Tratavam-se dos escritos de crítica urbana de Lewis Mumford. Em mais de uma vez, Morse faria questão de reconhecer sua dívida com o trabalho daquele intelectual (MORSE, 1976; MORSE, 1989):

*Eu não conhecia muito a história urbana, e minha maior influência foi realmente o livro de Mumford sobre a cultura das cidades, que é um livro de muita sensibilidade escrito por um planejador que acreditava no potencial dos seres humanos de fazer cidades. Ele começou com as cidades pré-históricas e clássicas, Atenas, Roma etc., até nossos dias, e tinha uma avaliação de que a cidade grega era boa, a romana era péssima, a medieval era boa, e a cidade industrial fora obviamente uma tragédia. Mumford pertencia àquele grupo que queria refazer a ideia de comunidade, um pouco na linha dos ideais urbanos que temos agora, e por isso em meu estudo, ao invés de seguir uma orientação mais marxista, ou mesmo economicista, na perspectiva de Henri Pirenne, optei por uma orientação mais culturalista, sem dar muita atenção à dialética da história.* (MORSE, 1989)

Trata-se de uma lembrança muito posterior, e o historiador inclusive confunde os livros ao recuperar a história das cidades desde a Antiguidade, o que só aparece num trabalho posterior de Mumford, *The City in History. Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects* (1961). Mas isso não é o mais importante. O que pretendemos discutir a partir daqui é em que medida Mumford inspira a biografia de São Paulo que Morse empreende nos anos 1950, nesse trabalho que contribuiu de maneira fundamental para a formação da história urbana paulista.

## Lewis Mumford e a cultura urbana da metrópole

Ainda que a Academia nunca tenha sido seu verdadeiro campo de atuação, Lewis Mumford é ainda hoje uma referência obrigatória para aqueles que estudam cidades. Esse intelectual

... continuação da nota 15 ... andamento ou recentemente concluídos em várias escolas de pós-graduação em todo o país" (MCKELVEY, 1952). Bruce Stave nos lembra, à guisa de comparação, como já desde pelo menos o início do século 20 os sociólogos de Columbia e de Chicago tinham a cidade como laboratório para seus estudos, enquanto os historiadores, no mesmo período, ainda pouco prestavam atenção nos temas urbanos (STAVE, 1977, p. 16).

<sup>16</sup> Apenas em 1974 é que surge na América o *Journal of Urban History*. Vale aqui notar que Morse dará aulas em Yale entre as décadas de 1950 e 1960 e que esteve presente na conferência promovida pelo Yale's Office of Urban Studies and Programs.

<sup>17</sup> Publicado pela Florida University Press com o título da edição brasileira: *From community to metropolis: a biography of São Paulo, Brazil*.

<sup>18</sup> Sem chegar a se formar, Mumford frequentou o City College e a New School for Social Research em Nova York na década de 1920. Muito rapidamente adquire proeminência como crítico e jornalista, e já nessa década publica ensaios e artigos em revistas e jornais de ampla circulação, como *The Freeman*, *The New Republic*, *The American Mercury* e ainda no *The Journal of the American Institute of Architects* – o que não deixa dúvida sobre a importância de seus escritos naqueles anos, inclusive no meio especializado. Em 1931 torna-se crítico de arquitetura da revista *New Yorker*, permanecendo ali até os anos 1960, a frente da coluna "Sky Line" (MUMFORD, 1956).

<sup>19</sup> *Cities in evolution* (1915) e "Indore Report", em *Town Planning Towards City Development*, 2v. (1918) seriam as obras de Geddes que Mumford considerava as mais importantes. Geddes teria sido responsável ainda por apresentar a Mumford a obra e o pensamento de vários "humanistas vitorianos", tais como Ebenezer Howard, William Morris e John Ruskin, que de certo modo "inspiravam" os pensamentos expressos no *Cultura das Cidades* (Miller, 1992).

quase autodidata, que falava sobre cidades desde a década de 1920, exerceu grande influência nos estudos urbanos e de planejamento, mas também nos trabalhos sobre a história das cidades ao longo de todo o século 20. Como intelectual engajado, extrapolou o campo da reflexão estritamente acadêmica, exercendo sua veia de polemista em textos que buscavam uma real intervenção no mundo, debatendo temas contemporâneos dentro de uma perspectiva histórica, e buscando influir nas decisões sobre os caminhos das cidades (MULLER, 1992)<sup>18</sup>.

Autodescrevendo-se como um "generalista", Mumford se recusaria a ceder aos impulsos de especialização que foram se tornando mais e mais fortes sobretudo a partir da Segunda Guerra, e, mesmo não sendo arquiteto, considerava a arquitetura a base da cultura da sociedade. Não à toa, suas análises de cidade dedicavam-se também a analisar a arquitetura produzida em cada época. Seus primeiros escritos foram sobre o desenvolvimento metropolitano de Nova York, as construções contemporâneas e o planejamento urbano necessário para organizar a vida dessa grande cidade. E após uma breve interrupção durante a Guerra, Mumford volta à ativa comentando também a cena arquitetônica internacional, o desenvolvimento e o planejamento urbano no pós-Guerra europeu e questões de preservação nos Estados Unidos. Diversos pesquisadores da obra mumfordiana destacam em seus trabalhos as ideias do planejador Patrick Geddes, a quem Mumford sempre chamaria de "meu mestre"<sup>19</sup>, reconhecendo-o como uma referência importante. Mumford, assim como seu "mentor" – e diferentemente de outra conhecida crítica das metrópoles alguns anos depois, já na ressaca do desenvolvimento violento da década de 1950, a jornalista Jane Jacobs<sup>20</sup> –, sempre acreditou no planejamento urbano como forma de controle da metropolização, tendo sido não apenas um dos fundadores da *Regional Planning Association* como um dos inspiradores do *New Towns movement* inglês, no pós-Guerra. (THOMAS, 1988; MILLER, 1992).

O livro *The Culture of the Cities* – que é o que nos interessa mais de perto aqui, por ter sido a referência nomeada por Morse – foi lançado em 1938, ainda antes da Guerra<sup>21</sup>, e cobria a história das cidades ocidentais desde o período medieval até o mundo contemporâneo. Ali, o autor explicitava

seu método de pesquisa e seu entendimento do urbano, fundamentado em "observações diretas levadas à efeito em muitas regiões diferentes, tendo como ponto de partida um estudo detido de [sua] própria cidade e região, Nova York e seus arredores" (MUMFORD [1938], 1961)<sup>22</sup>. Mumford falava a partir de Nova York, ou seja, a partir da *sua própria* experiência urbana na metrópole, e era desde esse lugar e dessa experiência metropolitana que ele pretendia descrever a "cultura das cidades", e propor alternativas para elas. Estes dois caminhos se reconhecem de saída como dois grandes movimentos no livro: uma primeira parte de descrição da evolução urbana das cidades, desde a comunidade medieval até a metrópole moderna, e uma segunda na qual apontava os caminhos possíveis para as cidades no presente. Talvez uma tentativa de se contrapor à crescente especialização, talvez resquício de sua formação pouco ortodoxa e autodidata, essa forma, contudo, não deixava de esboçar também alguma vontade de "teorização". Logo na Introdução Mumford dá a *sua* definição para "cidade":

*é o ponto de máxima concentração do vigor e da cultura de uma comunidade (...), a forma e o símbolo de um conjunto integrado de relações sociais: é a sede do templo, do mercado, da corte de justiça, da academia de ensino*" (MUMFORD, 1961, p. 13)

Buscando a "evolução" das cidades na história, mas não tendo em vista qualquer perspectiva de aprimoramento ou de progresso – antes o contrário, deve-se dizer – Mumford as reconhece como o principal produto da terra, "representação dessa vida estável que começa na agricultura permanente: uma vida que se vive com o auxílio dos abrigos permanentes, vinhedos e obras de irrigação, e de edificações permanentes para a armazenagem" (MUMFORD, 1961, p. 13). E em seguida, apresenta o lugar da arquitetura para a compreensão da história das cidades – como um documento material tão ou mais importante que os documentos escritos. O "tempo se torna[ria] visível" na própria arquitetura, já que

*os edifícios, os monumentos, as vias públicas, mais claramente que o testemunho escrito, mais sujeitos ao olhar de muitos homens do que os artefatos dispersos do campo, deixam uma impressão nas mentes até mesmo dos ignorantes ou dos indiferentes.* (MUMFORD, 1961, p. 14, grifo meu)

<sup>20</sup> Autora de *The Death and Life of Great American Cities* (1961).

<sup>21</sup> Publicado em Nova York pela Harcourt, Brace and Company, Inc..

<sup>22</sup> Todas as citações são da edição brasileira *A cultura das cidades*, traduzida por Neil R. da Silva, e publicada em 1961.

<sup>23</sup> Deste modo, os quatro primeiros capítulos apresentam em linhas gerais esse caminho histórico das cidades até a metrópole contemporânea: “Proteção e a cidade medieval”, “A corte, a parada, a capital”, “A insensível cidade industrial” e “Apogeu e decadência de megalópoles”. E os três finais tratam de propor eixos de intervenção e possíveis caminhos de planejamento para as cidades dali para frente: “A estrutura regional da civilização”, “A política do desenvolvimento regional” e “A base social da nova ordem urbana” – como os próprios títulos já indicam (Cf. MUMFORD, 1961).

<sup>24</sup> Vale notar que Nova York ganhou nas vésperas do crack da Bolsa de 1929 um plano para a área metropolitana desenvolvido pelo Regional Plan Association (RPA). O plano reuniu pioneiros do planejamento urbano e permitiu-lhes produzir um dos estudos mais aprofundados de uma área metropolitana já realizados. Mumford analisaria esse documento minuciosamente em dois artigos publicados na *New Republic* (em 15 e 22/07/1932). Cf. JOHNSON, 1998.

<sup>25</sup> O historiador John Thomas, num artigo sobre o significado do regionalismo para Mumford, descreve as suas propostas, sobretudo dos anos 1930, como uma espécie de “caminho do meio”, entre o marxismo da esquerda e o corporativismo da direita – e de fato, nota-se este “tom” no livro de 1938, em vários momentos. Cf. THOMAS, 1988.

As obras construídas eram “marcas do tempo, testemunhos de intenções e realizações”, não apenas em sua dimensão material, mas também no campo simbólico das representações. E são as duas dimensões, a concreta e a simbólica, que Mumford mobiliza ao longo de todo o livro para recapitular o curso da civilização ocidental do século quinze até aquele presente, mostrando como a “integração mecânica” e a “decadência social” teriam caminhado lado a lado para uma “cristalização do caos”. De seu ponto de vista, a desordem se manifestava de modo pleno na cidade industrial, cujas consequências eram absolutamente visíveis nos anos 1930 (MUMFORD, 1961, p.14 e ss.). Esse longo ciclo se resumia da seguinte maneira: a cidade medieval – a do início da idade Média – apresentava as boas características da vida comunitária: relações face-a-face, tamanho reduzido, equilíbrio entre campo e cidade, organicidade e união. A partir da decadência daquela cidade, e na verdade, daquela sociedade – que coincide com o início do capitalismo –, via-se a progressiva desintegração do espírito comunitário, que culminaria na atual vida urbana, simbolizada na atomicidade, no desequilíbrio, no gigantismo, na fragmentação e na desintegração das relações sociais, fazendo-nos conviver então com os resultados físicos e morais decorrentes desse percurso:

*Paisagens arruinadas, distritos urbanos desordenados, focos de doenças, trechos de desertos, milhas e milhas de cortiços padronizados, enxameando nas áreas que circundam as grandes cidades e se confundindo com seus subúrbios inúteis. Em resumo: malogro geral e a derrota do espírito civilizado.* (MUMFORD, 1961, p.18)

Pode-se afirmar que o propósito do livro de 1938 parece ter sido menos uma história das cidades *per se* e mais uma história como possibilidade de compreensão do presente e como plataforma para se pensar rumos para o futuro, na medida em que, como ele mesmo diz, “a tarefa de traçar uma cidade implica a tarefa maior de reconstruir uma nova civilização” (MUMFORD, 1961, p.19). Como planejador que também era, Mumford se via na posição de quem pode ajudar a traçar estes rumos a partir da compreensão e da identificação dos pontos positivos do passado para auxiliar numa proposição futura, a partir da identificação e da compreensão dos pontos negativos para serem descartados ou evitados dali em diante<sup>23</sup>.

Mumford, como se disse, vivia em Nova York e era a partir dali que “teorizava”. Ele não escrevia sobre um mundo abstrato, ao contrário, queria influir nos planos urbanos que estavam sendo gestados<sup>24</sup>. O autor descrevia os períodos históricos das cidades através de uma denominação emprestada de Geddes e apresentava uma síntese histórica de fases de desenvolvimento da cidade, da polis à necrópoles, uma espécie de ciclo vital quase que da própria civilização. Mas é na segunda parte do livro que ele efetivamente apresentava um documento de intenções e proposições explícitas, onde se nota desdobramentos de seu pensamento sobre planejamento urbano e intervenção social, definindo ali o que ele entendia por regionalismo e comunidade<sup>25</sup>. O livro de Mumford, já se disse, seria devedor da leitura simmeliana que via a cidade como um “determinante da cultura”, mas, partindo de um Simmel lido numa chave anti-urbana, através da Escola de Chicago, acabaria por ver a metrópole como o “âmbito destruidor das relações e da cultura da comunidade” (BALLENT, GORELIK E SILVESTRI, 1993, p.23 e ss.).

Richard Morse, num certo sentido, reproduz algo desse movimento em seu livro sobre São Paulo. Partindo da pacata vila colonial sem maior importância no interior da América Portuguesa – a comunidade – buscava chegar na metrópole dos anos 1950 – a principal cidade industrial latinoamericana. Deixava reservado em seu capítulo final, “Anatomia da metrópole” (MORSE, 1954, pp. 285-304), um espaço para também falar do presente, reconhecendo porém na história de São Paulo um sentido distinto do que Mumford dera para a história das cidades em geral, pois a decadência implícita naquela leitura era recusada por Morse pelo fato de São Paulo estar num momento fundamental de sua história, um momento, digamos, de escolha de caminhos. Ainda que o foco do trabalho de Morse não fosse propor tal ou qual caminho para São Paulo, é evidente em seu texto a preocupação com os destinos da metrópole que se delineava naquela década. Suas conclusões caminhariam assim para buscar dar à metrópole paulista um lugar diferente da metrópole mumfordiana, ao ver em São Paulo não a confirmação da desagregação comunitária progressiva a partir de um idílico núcleo colonial, mas justo o contrário: a possibilidade da manutenção do sentido comunitário visível na cidade desde os anos de sua fundação reposto a cada nova fase ou ciclo histórico até a formação da metrópole.

Morse fazia sua pesquisa em fins dos anos 1940, quando São Paulo definitivamente deixava para trás seus ares de vila, e, num primeiro olhar, transformava-se numa verdadeira metrópole, se pensada a partir dos referenciais centrais, ou seja, dos países industrializados. A verticalização no centro e o espraiamento da mancha urbana se intensificavam, a industrialização era uma realidade, e sua fisionomia se modernizava por meio de novos edifícios modernistas que se construíam dia-a-dia apagando os vestígios da velha São Paulo, alterando a imagem provinciana que se tinha da cidade, impondo uma outra, cosmopolita e moderna. Explicar esse “súbito” desenvolvimento havia sido seu impulso inicial, e portanto, Morse não podia escapar de pensar o presente, era dele que ele partia. Por isso, ao finalizar o livro, o historiador indicaria a importância da discussão do planejamento urbano e da arquitetura, cobrando dos arquitetos paulistas que se posicionassem e atuassem mais intensamente na cidade até então cuidada por engenheiros, numa referência explícita a Prestes Maia e ao Plano de Avenidas que vinha sendo parcialmente implementado naqueles anos, ecoando posições críticas que eram ventiladas na cidade àqueles anos (MORSE, 1954, pp.298 e ss.). Alertava que a cidade não poderia cair nos descaminhos de um crescimento desordenado ou mesmo “mal planejado”, que traria, fatalmente, as mazelas já notadas nos países centrais.

Ressaltando ao longo de seu trabalho o fato de que a capital paulista soubera manter um sentido comunitário durante sua evolução urbana, era por estar justamente em um momento decisivo de sua existência, diante de escolhas que poderiam definir seu futuro, que se tinha que ter consciência aguda de sua história para definir esse futuro de forma a não repetir os erros das outras metrópoles. A aposta de Morse era que o *ethos* original – ibérico e católico e estruturado organicamente na comunidade colonial – garantisse a possibilidade de outros caminhos, de uma outra modernidade que, numa via distinta de desenvolvimento, pudesse ensinar ao mundo como tornar-se metrópole sem desintegrar sua comunidade.

A despeito de Mumford não aparecer na bibliografia do livro de Morse, é como método de abordagem que se deve reconhecer a sua presença. Se Mumford escreve a partir da sua própria experiência urbana em Nova York, e antes de tudo se propõe a percorrê-

la, observando-a, Morse – que também tem a experiência urbana novaiorquina como *background* – de algum modo refaz esse trajeto quando escreve sobre São Paulo, buscando percorrê-la, passando seus primeiros meses “praticamente só falando com pessoas para tentar formar uma imagem do trabalho que faria” (MORSE, 1989)<sup>26</sup>, deixando-se levar pela capital paulista e por seus novos amigos – intelectuais preocupados em definir o lugar de São Paulo na nação –, envolvendo-se e encantando-se com a cidade desde seu primeiro contato.

A dimensão da experiência portanto é indissociável dessa história urbana. A idéia de se aproximar e se apropriar da cidade pela experiência se explicitava em Mumford em muitos momentos, quando dizia por exemplo que “os principais documentos sobre as cidades são, perante a própria cidade, secundários como documentos” ou ainda, “só após a imersão geral no cenário urbano é que se deve tentar explorá-lo sistematicamente” (MUMFORD, 1961, p.519). Em seu trabalho, Morse “aceita” a recomendação e propõe uma interpretação que, partindo disso, toma a própria cidade como um documento da cultura. Encara a cidade e a toma como objeto a partir do momento em que, ele diz,

*seus líderes e seus cidadãos, particularmente e associados, defronta[ra]m, na maioria dos planos da experiência, com uma necessidade muito mais intensa de enunciar as esperanças e os problemas da vida em termos intelectuais e abstratos, e de constantemente planejar, tomar decisões e fazer novas avaliações nessa base racional* (MORSE, 1954, p.15)<sup>27</sup>

Tratava-se de reconhecer o momento em que os habitantes tomavam consciência da cidade. Como essa abordagem era “tese a ser comprovada”, mas antes, devia ser entendida como um conceito que “no decorrer da pesquisa, mais adaptado parec[eu] a dar a unidade e coerência aos materiais diversos” que lhe chegavam às mãos, Morse afirmava que não pretendia tratar da metrópole – ou da “vida da cidade moderna” – como “desintegrativa” (como de certo modo Mumford fez), pois o que ele buscava em seu trabalho era *mostrar a permanência do sentido de comunidade na vida da metrópole*. Desse modo, seu objetivo foi mostrar que aquela “comunidade agrária” formada no período colonial se transformou em “cidade” sem perder totalmente seu sentido

<sup>26</sup>Vale dizer que se trata aqui de uma experiência direta, distinta do conceito de experiência de Walter Benjamin, para quem a própria experiência metropolitana constitui a dissolução de toda a possibilidade de “experiência”, cf. BALLENT, GORELIK, SILVESTRI, 1993, p.19.

<sup>27</sup>Morse citava diretamente Spengler, mas notam-se af ecos de Simmel, Park e Wirth, que separam a cidade do mundo rural justamente pelo desenvolvimento do pensamento abstrato que a primeira proporciona.

comunitário, e por isso valia a pena estudá-la. E mais que isso, divulgar tal experiência como um caminho para o mundo moderno ocidental – a cultura urbana paulista como uma espécie de sabedoria metropolitana.

Mas Lewis Mumford, pensando bem, ao fim e ao cabo não via a metrópole de modo unívoco, e também para ele tratava-se de apontar os pontos de manutenção desse sentido comunitário. E quando eles não existissem mais, reconstruí-los, pois a experiência da metrópole não podia ser substituída. Assim, pode-se dizer que a lição aprendida com Mumford serve a Morse como um caminho de leitura que o guia a construir um olhar que confirma a compreensão da cidade como uma metrópole, mas que também lhe permite pensá-la como uma alternativa que se colocava ao mundo do pós-Guerra, onde a comunidade ainda se fazia presente. Portanto, mais que a Chicago da América do Sul, São Paulo era para Morse naqueles anos de 1950 a realização de uma nova forma da metrópole moderna.

## Referências bibliográficas

- BALLENT, Anahí, GORELIK, Adrián, SILVESTRI, Graciela, "Las metropolis de Benjamim", *Punto de Vista*, n. 45, Buenos Aires, abril, 1993.
- BULMER, Martin, *The Chicago School of Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- CASTRO, Ana. *A São Paulo de Menotti del Picchia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*. São Paulo: Alameda Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. Um americano na metrópole [latinoamericana]: Richard Morse e a história cultural urbana de São Paulo (1947-1970). Tese (doutorado). FAU USP, São Paulo, 2013a
- \_\_\_\_\_. Leituras e leitores de Richard Morse: a trajetória de um livro sobre a formação da metrópole paulista. *Anais do Museu Paulista*, Vol. 21, no. 2, São Paulo, Jul/Dez., 2013b, pp. 179-193.
- EUFRÁSIO, Mario, *Estrutura Urbana e Ecologia Humana*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- HANDLIN, Oscar e BURCHARD, John (Eds.), *The Historian and the City*. Harvard: MIT Press and Harvard University Press, 1963.
- JOHNSON, David, "Regional planning for the Great American Metropolis: New York between the World Wars". In: SCHAFFER, Daniel (Ed.). *Two centuries of American Planning*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1998, pp. 167-196.
- MCKELVEY, Blake, "Urban History Today". In: *The American Historical Review*, Vol. 57, No. 4 (Jul., 1952), pp. 919-929.
- MILLER, Donald. *Lewis Mumford: a life*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1992.
- MORSE, Richard, *De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo*. São Paulo: Fundação do IV Centenário, 1954.
- \_\_\_\_\_. *From Community to Metropolis: a Biography of São Paulo, Brazil*. Gainesville: Florida University Press, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*. São Paulo: Difel, 1970.
- \_\_\_\_\_. "A Conversation with Richard M. Morse – Paul Goodwin, Hugh Hamill & Bruce Stave", *Journal of Urban History*, Vol. 2, No. 3, May, 1976, pp.331-357.
- \_\_\_\_\_. "Uma Entrevista com Richard Morse a Helena Bomeny", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989, s/p.
- \_\_\_\_\_. "Depoimento". In: MEHY, José Carlos Sebe Bom (org.), *A colônia brasilianista (História Oral de Vida Acadêmica)*, São Paulo: Nova Stella, 1990, pp. 137-62.
- MUMFORD, Lewis, *A cultura das cidades*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Arquitetura, Construção e Urbanismo*. Lisboa: Ed. Fundo de Cultura, 1956.
- RAFFARD, Henri, *Alguns dias na Paulicéia*. (1890) São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1977.
- GREEN, Constance M., *American Cities in the Growth of the Nation*. Londres: The Athlone Press/ University of London, 1957.
- PIERCE, Bessie L., *As Others See Chicago. Impressions of Visitors, 1673-1933*, Chicago, 1933.
- SCHLESINGER, Arthur, *The Rise of the City 1878-1898*. New York: McMillan, 1933.
- \_\_\_\_\_. "The City in American History", *The Mississippi Valley Historical Review*, Vol. 27, No. 1 (Jun., 1940), pp. 43-66.
- STAVE, Stave, *The Making of Urban History. Historiography Thought Oral History, Conversation with...* Beverly Hills/ London: Sage, 1977.
- THOMAS, John, "Lewis Mumford: Regionalist Historian", *Reviews in American History*, Vol. 16, No. 1 (Mar., 1988), pp. 158-172.

Recebido [Jul. 11, 2015]

Aprovado [Nov. 16, 2015]